CÍRCULO DE LEITURA FEMINISTA AFROCENTRADO COMO LINHA DE FUGA DO ASSUJEITAMENTO: UM RELATO A PARTIR DO LUGAR DE FALA

Melissa Ribeiro Da Silva [1]
Francisco Ilderlânio Bezerra De Almeida (Cnpq)[2]
Natalia Cabanillas (Cnpq/Funcap)[3]

RESUMO

Introdução: A presença de corpos trans na educação ainda enfrenta barreiras estruturais. As pessoas trans são subalternizadas diariamente, isto é, o silenciamento sistêmico é uma realidade. Logo, este trabalho explora a representação da transexualidade na obra Pet (2021), de Akwaeke Emezi e teve a análise realizada durante a experiência do Círculo de Leitura: História e Literatura Africana ministrado na Escola de Ensino Fundamental em Tempo Integral Luiz Liberato de Carvalho, em Chorozinho (CE) e parte do "lugar de fala" (Ribeiro, 2017) de Melissa Ribeiro, negra e primeira pedagoga transexual de Chorozinho. O projeto faz parte do grupo de pesquisa Intelectuais Africanas: contribuições de Akwake Emezi, Dina Salústio e Paulina Chiziane (CNPq), coordenado pela professora Natalia Cabanillas. Objetivo: Compreender como a leitura coletiva de Pet (2021) pode ser uma prática pedagógica que contrapõe as dinâmicas de silenciamento presentes nas instituições. Metodologia: Abordagem qualitativa e movimentou o conceito de assujeitamento (Andrade, 2012), entendido como o processo pelo qual a escola produz corpos trans como desvios da norma, contribuindo para evasões involuntárias. Já a metodologia utilizada nos círculos foi a Pretagogia (Petit, 2015), que utiliza o conceito de Ubuntu, e assim, foi trabalhado a ancestralidade, oralidade, corporeidade e circularidade. A leitura ocorreu durante os meses de março e abril com as turmas do 8º B e 9º A e B, alcançando 60 estudantes, que produziram desenhos, poemas e outros trabalhos artísticos inspirados na obra, o que levou o projeto a vencer o primeiro prêmio estadual de ciência, tecnologia e inovação da UECE. Resultados: A realidade vivida por Chimia, a protagonista da obra e uma garota trans, contrasta com a realidade de grande parte das pessoas transexuais brasileiras, pois a mesma foi criada em uma cidade utópica chamada Lucille, na qual violências, inclusive as de gênero, foram erradicadas. Durante os encontros, Melissa Ribeiro realizou a leitura em voz alta dos trechos relacionados à transexualidade, fazendo com que uma voz trans narrasse a experiência de uma personagem trans criada por uma escritora/e de identidade trans e Ogbanje. Observa-se que, dessa maneira a "ordem normativa" (Andrade, 2012), foi desafiada. Conclusão: O Círculo de Leitura operou como uma linha de fuga do assujeitamento, criando algo semelhante à Lucille dentro da escola, pois apresentou às crianças e ao corpo escolar um modelo afrofuturista de imaginar o mundo, especialmente para mulheres trans negras. Compreende-se, dessa forma, que Chimia não precisou construir estratégias de sobrevivência para existir, entretanto, identidades trans do mundo real seguem produzindo suas próprias linhas de fuga diante de instituições que ainda precisam aprender a acolhê-las.

Apoio financeiro: CNPq

Grande Área do CNPq: Ciências Humanas

O trabalho contribui para Diversidade, Inclusão e Transformação Social, operando a partir de conceitos desenvolvidos por epistemologias trans e expande as dimensões educacionais para um lugar distante do eurocentrismo.

Palavras-chave: Transexualidade; Pet; Círculo de Leitura; Akwaeke Emezi.

UNIASSELVI, Instituto Leonardo Da Vinci, Voluntária do projeto Intelectuais Africanas, Discente, melissapedagoga13@gmail.com[1]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades., bolsista CNPq Intelectuais Africanas: Contribuições de Akwaeke Emezi, Paulina Chiziane e Dina Salust, Discente, ylderalbano@gmail.com[2]
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades., Coordenadora do projeto CNPq Intelectuais Africanas: Contribuições de Akwaeke Emezi, Paulina Chizia, Docente, melissapedagoga13@gmail.com[3]

ISSN: 2447-6161